

# O PRÍNCIPE DAS MARÉS

**Jorge Amado  
e Caryl Phillips  
homenageiam  
os 80 anos  
de Dorival Caymmi  
em texto  
e gravura inéditos**

*Dorival Caymmi na colônia dos pescadores no Posto 6, em Copacabana, Rio de Janeiro*

## POLÊMICA

PÁG.

O economista Paul Singer responde aos ataques do filósofo e ensaísta José Arthur Giannotti ao programa político do PT e analisa o papel do partido nas próximas eleições, em outubro

7

## LITERATURA

PÁG.

A Companhia das Letras relança o romance "Nove Novena", de Osman Lins; "Livros" publica também trecho de um romance inédito que o escritor deixou inacabado

9

## CIÊNCIA

PÁG.

Fósseis de animais pré-históricos brasileiros são levados ilegalmente para fora do país por turistas e cientistas; paleontólogos brasileiros vão estudá-los em museus de todo o mundo

16





O compositor baiano Dorival Caymmi, autor de "Saudade de Itapoã", passeia no calçadão de Copacabana, zona sul do Rio de Janeiro, cidade onde mora desde os 23 anos

## Dorival Caymmi, que faz 80 anos no próximo dia 30, fala do Brasil real e do que deixou de existir

JOÃO MÁXIMO  
Da Sucursal do Rio

O Brasil em que Dorival Caymmi festeja seus 80 anos (oficialmente no próximo dia 30) é um Brasil real demais para um homem que nunca precisou dormir para sonhar. Como seu personagem, João Valentão, o compositor, poeta e pintor da Bahia é do país já teve seus momentos na vida.

Criou sua obra — canções e quadros — num país que apostava no futuro e inundava de esperança os corações de artistas como ele. Hoje, este Brasil já não existe. Mas não se pense que tal verdade é constatada em tom amargo.

Em seu apartamento de Copacabana, onde leva a mais pacata e rotineira das existências, Caymmi consegue manter a doçura mesmo num país de violência, corrupção e impunidade, a cuja cidadania confessa ter renunciado.

Em entrevista à Folha, é deste Brasil que ele fala. Sem saudosismo, lamenta ter ficado para trás um tempo em que valia a pena não só compor e pintar, mas também votar. Pensa tudo isso sem revolta. Ou, em sua própria palavra: "Naquela posição búdica de sentar, sorrir e deixar o mundo rolar".

**Folha - Como é o Brasil em que Dorival Caymmi comemora seus 80 anos?**

Caymmi - Pela primeira vez vou dizer uma coisa que nem à minha mulher eu disse: já desisti da luta para tornar-me um cidadão.

Até 1992, era uma luta que eu travava interiormente. Queria ser cidadão a todo custo. Mas descobri que a questão se dividia em duas: havia a cidadania Caymmi e uma outra cidadania, a de um país moralmente em declínio, no qual as pessoas perdem cada vez mais o direito de ser gente.

Em 1992, comecei a me interrogar: será que estou velho? Eu aqui lutando quixotescamente pela cidadania e as coisas, lá fora, mudando. Seriam mudanças inevitáveis, fruto do progresso? Talvez. Na dúvida, virei cidadão por dentro, sem contagiar ninguém.

**Folha - O que fez mudar?**  
Caymmi - Foi ano ano do plebiscito. Lembra-se? Aquela palavra bonita, meio mágica, que está em todos os dicionários e em tudo

que é papo furado.

Eu me encontrava em São Paulo, trabalhando, e deveria votar em trânsito. Aí foi aquela confusão. Olhei para baixo, da janela do Hilton, e só vi filas, filas e mais filas. E eu pensava comigo: para quê?

Havia para o povo escolher todo tipo de caminho, da política mais radical à monarquia. Achei graça. Amigos, como o João Ubaldo Ribeiro, me diziam que, em espírito, eu era meio monarquista, meio rei.

Foi quando descobri que aquilo tudo era uma grande piada. Nada ia mudar. Nada ia mudar. Não votei. Decidi deixar de ser um lutador para me tornar um cidadão pacato.

**Folha - O que quer dizer com isso?**

Caymmi - Quero dizer que não pretendo mais esmiuçar as coisas. Tenho sete netos e duas bisnetas.

A maior parte de minha família é independente, já casou, o que me dá uma certa tranquilidade.

Numa palavra: concluí que exercer a cidadania neste país é viver uma anedota. É como jogar no bicho, sonhar com bobagens, querer ficar rico aos 80 anos.

**Folha - Mas o que o deprecia tanto no Brasil?**

Caymmi - Para explicar por que deixei de ser otimista, sem me tornar pessimista, tenho que lembrar o Brasil em que vivi.

Cheguei ao Rio em 1938. Eram os tempos do Estado Novo. As coisas eram difíceis, mas havia esperança. Troquei a Bahia por um Rio paradisíaco, hospitaleiro, bonito, sem pobreza nem violência. Podia-se sonhar naquele Brasil.

Eu mesmo fiz meus projetos de vida a partir da certeza de que, naquele país, podia-se apostar. Casei-me, tive filhos, achei que valia pena construir uma família aqui.

Mesmo na década seguinte, os anos 40 da guerra na Europa, o Brasil valia a pena. Tínhamos dificuldades, mas tínhamos futuro.

**Folha - Quando acha que a situação começou a mudar?**

Caymmi - No fim da década de

50, começo da de 60. A pobreza creceu muito no país naquela época. Houve também, a partir de 1964, um retrocesso político. Nossos quadros não se renovaram. A tal ponto que somos hoje um país sem heróis em sua história recente. Nem mesmo heróis de quadrimão.

Lembro-me, aqui, de Carlos Lacerda. Fomos aliados e depois adversários políticos. Mas era um grande homem, um líder, um realizador. Já não existem políticos como Lacerda, Getúlio, Juscelino.

A propósito, mesmo como adversários, eu e Lacerda nos encontramos todo 30 de abril para tomarmos um chope juntos. Você sabia que nascemos no mesmo dia?

**Folha - Quando se tornaram adversários? Na época em que você estava ligado ao PC?**

Caymmi - Minha ligação com as esquerdas deveu-se mais aos amigos do que à crença política. Meus amigos eram Jorge Amado, Moacir Werneck Sodré, Samuel Wainer, Rubem Braga, os intelectuais de esquerda da época imediatamente após a guerra.

**Folha - A última década tem sido marcada pela violência. Como você convive com a brutalidade**

nessa cidade que há mais de meio século é sua?

Caymmi - Não há como fugir da violência. Crianças nas escolas são atingidas por balas perdidas. São fatos comuníssimos na vida da cidade. Já estamos aceitando isso como parte de nossa rotina.

Há uma palavra cômoda para explicarmos a violência: mudança. Os jovens já não pensam no futuro, a família mergulhou numa crise moral, os responsáveis pelo poder decaíram. Mudanças, dizem.

**Folha - E as próximas eleições?**

Caymmi - Não sei. Limite-me a declarar que não voto por descrença e falta de oportunidade de exercer a minha cidadania. O que adianta botar um papel numa urna se os que recebem meu voto não me respeitam.

**Folha - Refere-se à decadência da classe política, à corrupção, à impunidade ou ao quê?**

Caymmi - A tudo isso ao mesmo tempo. Você me desculpe, mas não acredito no homem de hoje.

**Folha - Como se sente com tantas homenagens?**

Caymmi - Não são tantas quantos estão dizendo. Meus filhos é que estão cuidando disso. Mas, cada vez que um deles me vem dizer que esta ou aquela homenagem gozou, dou graças a Deus. Não estou preparado para essas emoções.

Além do mais, não gosto de muita badalação. Tenho fama de preguiçoso, mas essa fama eu deixei que crescesse para não ser muito assediado. Digamos que é um truque. Festas? Talvez um jantar em família, nada mais. É preciso não esquecer que este é um ano de eleições. Tudo que vai ser feito daqui para diante é pensando nas urnas. Caymmi não dá voto.

**Folha - E a Bahia? Antônio Carlos Magalhães não vai preparar uma festa para você?**

Caymmi - Tudo que o Antônio Carlos quer é ser carregado pelo povo. Coisa fora de moda, diga-se. Hoje em dia, nem mesmo jogador de futebol é carregado pela torcida.

**Folha - No Brasil dos 80 anos vai tudo mal ou há algo que se salva? Por exemplo, a música. O que diz da chamada Axé Music e dos novos sons da Bahia?**

Caymmi - Não posso falar do que desconheço. Muita gente tem me perguntado sobre esse tipo de música e a resposta é a mesma: não sei do que se trata.

Sou de um tempo em que o cancionista popular se apoiava em experiências vividas, na cultura e nos hábitos à volta dos compositores e dos poetas. Cantava-se o mar, o amor, um episódio do cotidiano, os personagens de nossa vida.

Começo a estranhar a Axé Music pelo nome. São duas palavras, uma de caráter sagrado do candomblé, que é assunto sério, e outra pedida emprestada ao inglês. Pelo que sei, temos uma palavra em português que quer dizer o mesmo. O que há é uma grande indústria por trás da música popular.

**Folha - E como vive Dorival Caymmi aos 80?**

Caymmi - Bem. Sou muito ligado à família, tenho uma vida metódica e tranquila. Refeições nas horas certas, dieta rigorosa, hora para receber as visitas, hora para ouvir música. Bem, meu mundo é este.

### Exercer a cidadania neste país é viver uma anedota

## O baiano que está sempre em moda

Da Sucursal do Rio

Quando Dorival Caymmi pegou um ita-no Norte para tentar a vida na antiga capital da República, era um moço de 23, quase 24 anos, com o mesmo sonho de muito baiano daqueles dias: tornar-se advogado.

Hoje, aos 79, quase 80, é ainda com certo espanto que ele recorda a guinada que sua vida sofreu: menos de um ano depois de desembarcar na Praça Mauá, já se tornara exatamente o que é, ou seja, uma unanimidade nacional como criador e cantor de obras-primas.

É verdade que o moço Caymmi já tocava um violão original, aprendido sozinho em Salvador. E que já fizera rádio por lá. E mais: que já ganhara até um concurso de carnaval.

Mas jamais levara muito a sério sua experiência ao microfone da Rádio Clube da Bahia ou o abajur de seda que "O Imparcial" lhe dera pelo primeiro lugar de "A Bahia Também Dá", feita para a folia de 1936.

Tais atividades musicais alternavam-se com ofícios outros: jornalista, desenhista de cartazes, auxiliar de escritório, vendedor de bebidas.

Segundo seus planos, trabalharia como ilustrador na imprensa, até completar o ginásio e depois fazer a faculdade de direito. Mas logo descobriram seus talentos de modinheiro.

Andou cantando na Rádio Transmissora, foi contratado pela Tupi, passou a ganhar razoáveis cachês e, já em 1939, deu-se o fato que o fez esquecer de vez a advocacia.

Ary Barroso não aceitou as condições oferecidas pelos produtores do "Banana da Terra" para que sua "Na Baixa do Sapateiro" fosse cantada no filme por Carmem Miranda.

Para que não se perdesse o cenário (uma Salvador de papelão), resolveu-se aproveitar, nas palavras de Almirante, "aquele jovem que veio da Bahia cantando coisas de lá". E assim que Carmem lançou "O Que É Que a Baiana Tem?".

O resto, como se costuma dizer, é história. Caymmi de fato conquistou o Rio em tempo recorde. Como também seria impressionante a sua permanência entre os monstros sagrados do cancionário brasileiro: de 1939 até hoje, jamais saiu de moda.

O que se deveu, primeiro, ao caráter único de sua voz e sua

música. Uma voz poderosa, grave, densa, rústica às vezes, que entrava em cena sem seguir os modelos vocais da época. E uma música com uma rara força poética-melódica, como jamais se fizera antes e como jamais se faria depois.

Mas sua obra seria dividida em três grandes blocos, todos resultantes da vivência pessoal de homem inteligente e atento.

As canções praieiras são as que lhe deram fama. Embora Caymmi deva a elas, talvez, o seu lugar na história, não são necessariamente as melhores. Não quando se recorda "Não Tem Solução", "Nunca Mais" ou "Saudade". É aqui que o Caymmi baiano começa a dar lugar ao Caymmi carioca.

Foi no Rio dos anos 40 que ele começou a criar os sambas-canções que se incluem entre os mais representativos da música romântica brasileira.

Este Caymmi — que ainda hoje se define como "urbano", cujas experiências com a pesca e o mar são meramente contemplativas — é muito diferente das canções praieiras.

Os que foram colhidos de surpresa ao verem seus sambas no repertório do jovem João Gilberto (e que por isso come-



# Recado ao irmão caçula

“Onde começa, onde termino?”, escreve Jorge Amado em relato sobre sua amizade com Dorival Caymmi

**JORGE AMADO**  
Especial para a Folha

Quem é que é esse moço de cabelos brancos que exhibe tanta adolescência e picardia nesta festa de seus 80 anos? Eu vos direi que é o caçula de três irmãos. O mais velho atende por Carybé, mestre de muitas artes, nascido nas Sete Portas da Bahia, filho do Capeta. O do meio sou eu, o escriba que redige este recado para o caçula no dia da festa do seu aniversário. O nome dele é Dorival Caymmi: Doutor Honoris Causa da Universidade Federal, Obá de Xangô, cantor das graças da Bahia, o poeta maior, o músico principal.

Da melodia de “o mar quando quebra na praia”, da cantiga dos pescadores: “o pescador quando sai, não sabe se volta, não sabe se fica, nas ondas do mar”, nasceram João Gilberto, Caetano e Gil. É o pai de Nana, filha de sangue e canto dele e de Stella, duplamente herdeira: da voz do pai e da voz da mãe, voz celeste de Nana. Pai também, de magia e canto, de Bethânia e Gal, de Margareth e Daniela.

É meu irmão caçula, caçula e mabaça, meu irmãozinho Dorival, o noivo de Iemanjá, o amigo de Menininha, o igual de Camafeu de Oxóssi, o moço Dorival Caymmi.

São três doutores do povo da Bahia, são três obás de Xangô, no Opô Afonjá, sentados ao lado do trono de mãe Stella de Oxóssi, os três de cabelos brancos na sábia juventude dos 80 anos. O mais velho dos três, Carybé Obá Onasokun, o do meio, Jorge Obá Arolu, o caçula é Dorival Obá Oni Koyi. Carybé é o primogênito, artista da goiva e do pincel, das tintas e das cores; o do meio é romancista de putas e vagabundos, das roças de cacau e das ladeiras da Bahia, do Largo do Pelourinho e da Rampa do Mercado; o delfim é Dorival, a voz moça, cálida, envolvente, o murmúrio do mar, o violão, a melodia do vento nos coqueiros de Itapua, o réquebro do sedutor, a malemolência do sambista no passo do siri-boceta, o doce acalanto, canção de amor.

Três obás, mensageiros, arautos de Xangô, engravidaram do povo, receberam e pariram a Bahia na popa do saveiro, numa barraca de folhas rituais no Mercado, no peji de Yemanjá no Rio Vermelho. São o pai e a mãe da Bahia, são seus filhos bem-amados, os prediletos desta nação baiana que, como sabeis, é africana e índia, portuguesa e árabe, e judia safardi.

## A peleja justa

São três doutores do povo da Bahia, três obás, sábios da sabedoria popular, três rapazes de 80 anos bem vividos. Foram bons de briga, campeões da justiça e da liberdade, combatentes nas fileiras dos pobres e dos desprotegidos, ergueram-se em fúria contra os preconceitos, contra todas as formas de racismo. Irmãos dos marginalizados, para eles pintaram óleos, desenharam, esculpiram, escreveram livros, compuseram e cantaram músicas, defenderam as boas causas, pelejaram a peleja justa, foram a face, a voz, o pranto e o riso do povo da Bahia.

Foram bons de briga e de namoro, pastorearam as moças, as solteiras, as casadas e as demais. Foram bons de beijo e bons de cama, competentes. Foram e ainda o são, não perderam a competência, que o digam em testemunho as três senhoras que os domaram: Dona



Gravura do artista plástico Carybé em homenagem aos 80 anos de Dorival Caymmi, feita com exclusividade para o Mais!

Nancy, Dona Zélia, Dona Stella, três formosas gringas da Bahia.

Completas 80 anos, ninguém diria, não parece. Carybé, aos 83 completos, todas as manhãs cria beleza em seu atelier de Brotas: de seu pincel nasce a luz da Bahia, a aurora dos saveiros, as mulatas do afoxé, a roda dos santos no terreiro, a dança ritual dos orixás, as senhoras putas servindo doce de banana em rodinhas e licor das freiras, à freguesia, nos castelos, os portugueses, os negros, os índios, a mulataria e a pesca do xaréu, a capoeira.

Durante a tarde e à noite Carybé



O escritor Jorge Amado e Dorival Caymmi, nos anos 50

só pensa naquilo, comadre Nancy já não aguenta, anda arriada dos quartos. Eu dei um nó nas tripas para afugentar a morte, vou maneirando o fatigado coração na fisioterapia, entre a cidade de Paris e o Rio Vermelho prosigo no ofício mal pago de contar histórias. E tu, nosso irmão caçula, chegas novinho à casa dos 80 e para te festejar nos reunimos, os três doutores, os três obás. Oitenta anos e estás cada vez mais moço, o moço Caymmi, cantor das graças da Bahia.

Meu irmão na esteira de palha do bori, meu parceiro na cantiga, tu na música, eu na letra. “É doce

morrer no mar”, o poema nas páginas de “Mar Morto”; “Vida de nego é difícil, é difícil como quê” o canto de trabalho inspirado nas em “Terras do Sem Fim”; “Gabriela, é, meus camaradas”, na voz de Gal, “eu nasci assim, vou ser sempre assim... Gabriela”; “Bote açúcar na boca se quiser falar de mim”, o rondó de “Tereza Batista Cansada de Guerra”. Onde começa, onde termino? Juntos e fraternos prosseguimos vida afora, nos itinerários da aventura e da invenção.

Na esquina de Copacabana, na foto de Zélia, de mãos dadas, irmãos tão parecidos! Tão parecidos: se escrevesse escreverias meus romances, se eu compusesse comporia tuas modinhas, tão parecidos nos confundem. Na porta do terreiro do candomblé do Gantois os turistas de São Paulo me espia-vam conversar com as ekedes e as iaós. A madame de chapéu com flores não se conteve, pentrou sala a dentro, me perguntou:

— O senhor é Dorival Caymmi?  
— Não, minha senhora, não sou Dorival mas sou irmão dele.

Vitoriosa ela voltou-se para o grupo:  
— Vêem como eu tinha razão? Não é ele mas é o irmão dele.

## Cama seresteira

Noivei Zélia no embalo de tua voz, em casa de Nonê de Andrade: “Acontece que eu sou baiano, acontece que ela não é”. Somos baianos, nós, elas não: Stella Maria nasceu Adelaide, nas Minas Gerais. Samuel Wainer e eu a levamos ao juiz de paz e, após a cerimônia do casório a depositamos em tua cama seresteira, para que por fim pudesses colher a flor da laranjeira.

Samuel, experiente de todas as malandragens, duvidava que tivesse tido paciência de atravessar o tempo de namoro e de noivado sem colher o cabaço em flor da laranjeira. Ingênuo e confiante, garanti que Stella, donzela de Minas, não daria antes da assinatura do juiz. Mais de 50 anos são passados, ainda hoje resta a dúvida, de quem o acerto? Meu ou de Samuel (ai, que saudades, Samuca!)?

Zélia nasceu Gattai, na Itália da alameda Santos, ítalo-paulista, paulista de 400 anos. Na Bahia fez-se soteropolitana, reconheceu-se Zélia de Eua no jogo dos búzios do babalaô Nézinho, mãe Senhora e mãe Menininha lhe deram posto e nome na casa de Oxum: Omin Tobi, Zélia Omin Tobi. De ti e de Stella nasceram Nana, a cantora incomparável, o maestro Dori, músico eminente, a composição e a flauta de Danilo. De mim e de Zélia nasceu o meu João Jorge, tranquilo e generoso coração (juntos, João e Danilo, nos tempos ginásianos, compuseram uma comédia musical no Colégio Andrews); e nasceu minha Paloma —tão eu!—, de quem afa-naste o rádio russo que eu lhe trouxe de Moscou. Com descargas e fanhosa, ainda assim de boa serventia —jamais o devolveste. Nossas santas mulheres, nossos filhos, nossas famílias desabrochando em netos: Stellinha, tua biógrafa, força da natureza desatada em terremoto, Mariana fez santo no Gantois, iaó de Oxóssi, tu sabias?

No dia da festa de teus 80 anos, na porta da Casa de Xangô, Carybé te diz axé e eu peço tua benção e te abençoo, meu irmão. Abençoo o exemplo de tua vida, tua celebração preguiçosa criadora, tua travessia, tua modinha, tua decência, tua estatura de baiano, o nosso amor fraterno, meu caçula.

**JORGE AMADO**, 81, é escritor, membro da Academia Brasileira de Letras e autor de “Dona Flor e Seus Dois Maridos” e “Gabriela Cravo e Canela”. Entre outros: acaba de lançar “A Descoberta da América pelos Turcos”

## DISCOGRAFIA DE CAYMMI

O melhor intérprete de Caymmi é ele mesmo. Em razão disso, a discografia que se segue é basicamente de Caymmi por Caymmi, artista cuja delicadeza o impede de comentar a quase totalidade das versões de suas obras por outros cantores.

Assim, deixam de ser relacionados aqui discos como os que o Trio Surdina, Gal Costa e Paulo Moura lhe dedicaram, bem como os cinco volumes de dois “songbooks” gravados pela Lumiar há pouco por uma constelação de intérpretes da MPB.

**Canções Praieiras** (Odeon, 1955) - LP de estreia, ainda no tempo dos discos de 10 polegadas. Caymmi acompanha-se ao violão em “O Mar”, “Saudade de Itapoã” e mais nove números. Esgotado.

**Caymmi e o Mar** (Odeon,

1956) - Mais canções praieiras em 10 polegadas, cantadas entre histórias que o próprio Caymmi conta. Arranjos de Leo Peracchi. Esgotado.

**Eu Vou Pra Maracangalha** (Odeon, 1956) - Sucessos lançados antes em discos de 78 rotações por minutos, reunidos em LP também de 10 polegadas. A maioria dos arranjos é de Gaya. Esgotado.

**Caymmi e Seu Violão** (Odeon, 1957) - Edição aumentada de “Canções Praieiras”, com mais quatro faixas gravadas em 1957, sempre com Caymmi ao violão.

**Ary Caymmi Dorival Barroso** (Elenco, 1957) - Ary ao piano interpreta canções de Caymmi e este ao violão canta “Risque”, “Inquietação”, “Maria”, etc. Relançado em 1974 em co-edição Evento-Odeon, passagens

de orquestra foram acrescentadas, tirando muito da pureza do registro original. Esgotado.

**Eu Não Tenho Onde Morar** (Odeon, 1959) - Antigas e novas composições no melhor LP de Caymmi com orquestra. É nele que, em “Acalanto”, a voz de Nana é ouvida pela primeira vez em disco, numa gravação antológica. Esgotado.

**Caymmi e Vinicius no Zum-Zum** (Elenco, 1967) - Gravação em estúdio do histórico show dos dois na boate de Copacabana. Caymmi canta na íntegra sua suíte “História de Pescadores”. Participação do Quarteto em Cy e do conjunto de Oscar Castro Neves. Relançado em CD no ano passado.

**Caymmi** (Odeon, 1967) - Gravação dois anos antes, nos Estados Uni-

dos, durante o sucesso lá de “Das Rosas”. Caymmi é acompanhado pela orquestra do americano Bill Hitchcock. Esgotado.

**Caymmi Visita Tom Jobim e Leva Seus Filhos** (Elenco, 1967) - Há menos Caymmi do que seus filhos e Tom neste disco que tenta seguir as pegadas do gravado com Ary Barroso. Sua mulher, Stela Maria, revive seus tempos de cantora numa das faixas. Relançado em CD.

**Dorival Caymmi** (Odeon, 1969) - Outra coletânea de 78s, com mais quatro canções acrescentadas às oito de “Eu Vou Pra Maracangalha”. Editado na série econômica Imperial. Esgotado.

**Caymmi Também É de Rancho** (Odeon, 1973) - Canções tão diferentes quanto “O Bem do Mar”

e “Acalanto” são transformadas em marchas-ranchos pelo próprio Caymmi. Idéia de Aloysio de Oliveira, arranjos de Gaya. Esgotado.

**Caymmi** (Odeon, 1972) - O mais afro dos LPs de Caymmi. Nele são lançadas, entre outras, “Oração de Mãe Menininha” e “Canto de Nana”. Arranjos de Gaya.

**Setenta Anos Caymmi** (Funarte, 1984) - Gravado no Teatro Castro Alves de Salvador, em 30 de novembro de 1979, só foi lançado por ocasião da festa comemorativa dos 70 anos. Esgotado.

**Caymmi, Som, Imagem e Magia** (Sargaço, 1985) - Não lançado comercialmente, o álbum duplo foi brinde da Odebrecht. Caymmi regrava seus sucessos, ao violão ou com orquestra de Radamés Gnattali. Esgotado.

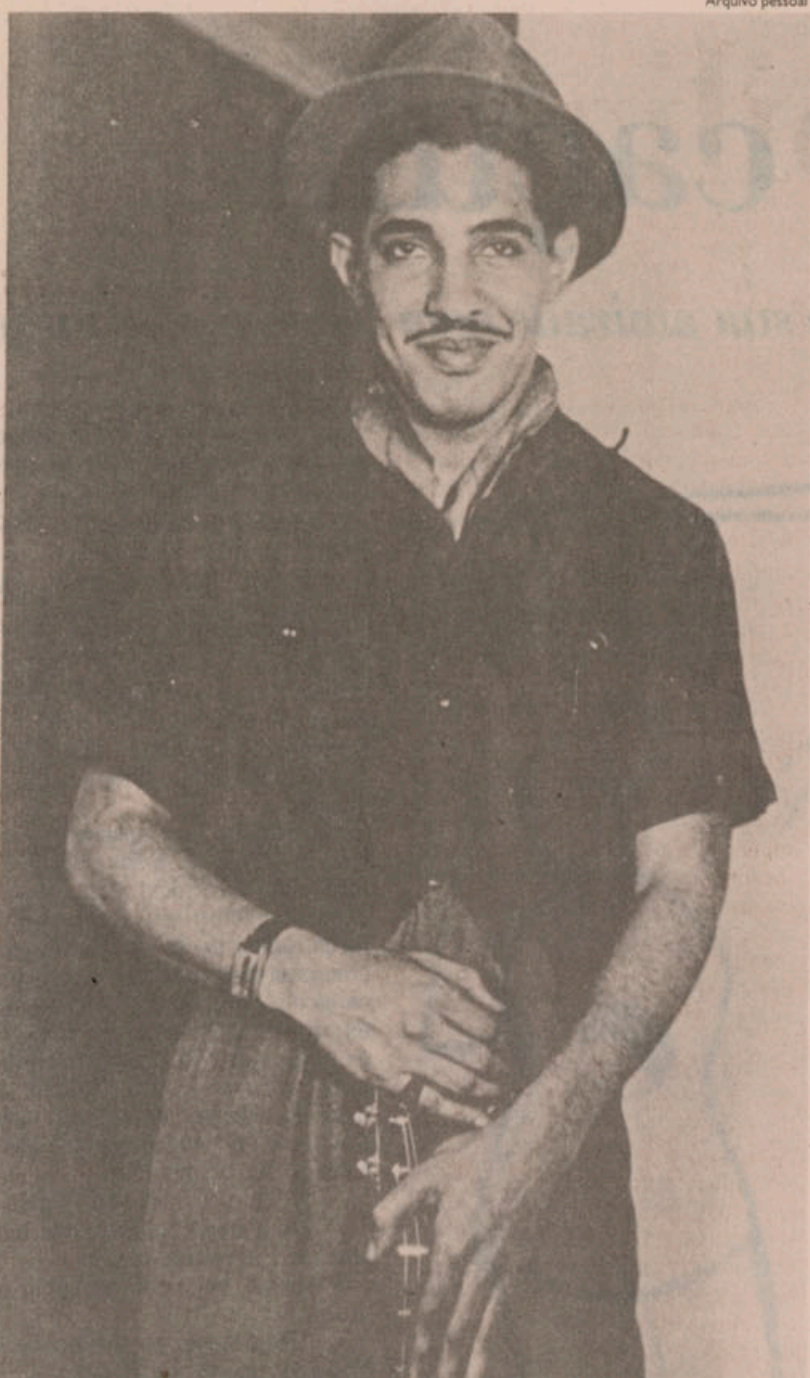
**Família Caymmi** (Odeon, 1987) - Gravado ao vivo no Scala 2, no Rio, durante o show que Dorival e os filhos Nana, Dori e Danilo realizaram naquela casa noturna. Clássicos de Caymmi dividem o programa com canções de outros autores.

**Família Caymmi em Montreux** (Polygram, 1991) - Dorival e os três filhos apresentando-se juntos na Suíça num recital nos moldes do do Scala 2. Gravado ao vivo, acaba de sair em CD.

**Caymmi e Seu Violão/Eu Não Tenho Onde Morar** (EMI-Odeon, 1993) - Relançamento em CD, na série 2 em 1, dos dois LPs do mesmo nome, comentados acima.

**Caymmi ao Vivo** (Polygram, 1994) - Relançamento em CD do álbum duplo da Funarte comentado acima. (João Máximo)





O compositor Dorival Caymmi em foto feita nos anos 30

## A terra da felicidade que os mapas ocultam

ANTÔNIO RISÉRIO

Especial para a Folha

Costumo dizer que, assim como o sanfoneiro Luiz Gonzaga é a encarnação da cultura sertaneja do Nordeste (a religiosidade áspere, o gado, o baiano, a feira, o cangaço, etc), o poeta-músico Dorival Caymmi pode ser visto como a expressão estética concentrada da cultura litorânea de uma cidade tradicional, Salvador, principal agrupamento urbano do recôncavo agrário e mercantil da Bahia.

Mas é claro que apontar para o enraizamento sócio-ambiental não significa pretender encerrar esses artistas num horizonte "regionalista". Pelo contrário: a estetização da velha Bahia na obra de Caymmi não se prende ao meramente acidental. Caymmi é um emissor de mensagens nativas, sim. Mas tais mensagens possuem, tranquilamente, em valor universal.

Deixando de parte a faixa da produção caymmiana que diz respeito ao Rio de Janeiro, podemos dizer que o nosso poeta se planta num espaço pré-industrial. Recria esteticamente uma Cidade da Bahia tal como ele a conheceu entre as décadas de 20 e 40 do século que está findando. Cidade antiga, remansosa, culturalmente homogênea e voltada para si mesma.

Uma cidade que atravessara um longo período de isolamento, mais de cem anos de solidão, antes de ser arrastada pela expansão nordestina do capitalismo industrial brasileiro. É a Bahia anterior à Sudene, à BR-324, às atividades de prospecção e refino de petróleo, ao Centro Industrial de Aratu, ao pólo petroquímico, ao frenesi turístico e à onipresença televisual.

Como se não bastasse, além de estetizar uma cidade portuária ancorada ao largo do reformismo urbano brasileiro da época, Caymmi faz uma leitura seletiva do espaço citadino.

Inexistem, no seu mapa de Salvador, marcos urbanísticos pós-coloniais. A Salvador que se projeta de suas canções é a cidade dos antigos casarões, das velhas feiras, das igrejas centenárias.

Uma cidade povoada por uma gente "tradition-directed", com suas manifestações estético-culturais igualmente alheias ao processo modernizante que mobilizava as energias do Brasil meridional. Em poucas palavras, o que temos pela frente é um burgo colonial. Sítios históricos e figurações seculares.

Saindo de Salvador, Caymmi vai construir sua poesia praieira ainda num ambiente pré-industrial. Ingressamos aqui na "comunidade" de Itapua. Um arraial de pescadores, com a Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia cercada de casebres de barro e palha, casas vegetais espalhadas entre as ondas azuis da orla e as dunas brancas de Abaité.

Emana dessa comunidade —com suas "ganhadeiras" e seus bailes pastoris, seus ternos e seus

batuques— a marina caymmiana, feliz recreação artística, poético-musical, de uma vida comunitária praieira, sincrética (a mitologia da lagoa escura do Abaité resulta de elementos europeus, africanos e ameríndios) e tropical. E assim o nosso doce Dorival se firma como um grande lírico do mar.

Mas há um aspecto que deve ser realçado. Caymmi exclui programaticamente de sua poesia não somente as novidades urbanas, mas também a miséria e os conflitos sociais. Compõe, desse modo, uma versão idealizada da Bahia.

É por esse caminho, produzindo cromos líricos isentos de ansiedade e de contradições, que constrói a sua "utopia de lugar", para usar o conceito do estudioso polonês Jerzy Szachi.

Na tipologia szachiana das criações utópicas, temos uma "utopia de lugar" quando a "terra da felicidade" não é encontrável em mapa algum ("true places never are", no dizer de Melville), ou quando topamos com reconstruções idealizadas de lugares realmente existentes. A Bahia caymmiana está, obviamente, no segundo caso.

Dito de outro modo, o universo lírico de Caymmi pôde ser investido de uma "função utópica" graças a seu forte contraste com as novas práticas sociais do Brasil meridional.

Quando nos metropolizamos, a preocupação em saber se "vale a pena viver na cidade" se explicita e se coletiviza, elevando-se à esfera da consciência social. Caymmi vai soar exatamente no espaço desse questionamento, com sua mensagem cálida e ecológica, sua paisagem de sobrados coloniais, jangadas, festas comunitárias e pescadores ensolarados.

Diversamente, Caymmi criou um espelho perfeito para o narcisismo baiano. Espelho que só vai se estilhaçar na década de 70, em consequência de mudanças brutais na vida baiana. E aí se abrirá, entre sua obra e a realidade baiana, uma distância igualmente "utópica". Não por acaso, de resto, o velho Caymmi se converteu em referência do ecologismo na Bahia.

Finalizando, quero apenas dizer que é altíssimo o valor da recriação caymmiana de todo um modo de vida. Mário Faustino dizia que somente isso já seria suficiente para justificar a existência do poeta perante a sociedade. Sem falar, é claro, na "utilidade ontológica" do poema: "A simples beleza, a mera consciência da dignidade da espécie que um poema automaticamente comunica aos homens, seria suficiente para merecer-lhe as honras da humanidade". Nem é por outro motivo que, sempre que penso em Caymmi, me lembro de uma afirmação de Victor Hugo: à beleza basta ser bela para fazer bem.

ANTÔNIO RISÉRIO, 40, é poeta e antropólogo, autor de, entre outros "Caymmi: Uma Utopia de Lugar" (Perspectiva) e "Textos e Tribos" (Imago).

# O 'tesão de boate' na rota da boemia

Saiba tudo sobre o roteiro de Dorival Caymmi no Rio de Janeiro

SÉRGIO AUGUSTO

Da Sucursal do Rio

Há coisa de quatro meses encontraram no espólio de Paulo Tapajós quatro músicas inéditas de Dorival Caymmi. Seu filho Danilo, a princípio, duvidou: "Não é possível. Isto não existe!"

Depois, aceitou as evidências de que seu pai era de fato o autor de "Garota Bonita", "Um Beijo na Sombra", "O Lencinho" e "O Cantor da Lua", composições pré-históricas, arroubos adolescentes, há décadas guardadas num dos relicários mais ricos da música popular brasileira. Tão antigas eram que o próprio autor só conseguiu se lembrar das duas primeiras.

"Garota Bonita", fox-canção do começo dos anos 30, com referências aos galãs Ramon Novarro e John Gilbert, estampa em todas as estrofas a influência de Lamartine Babo: "Garota bonita/ da cor de Iracema/ que vai ao cinema/ às duas da tarde/ que fala em Ramon/ que fala em John/ mas que não fala em mim.../ Garota morena/ quisera ser fita/ famosa, bonita/ falada em inglês/ para olhares só pra mim.../ É sempre assim/ zombas de mim/ saltas de amor em amor/ qual borboleta/ de cor violeta/ saltas de flor em flor".

Naquela época, já sonhando com o Rio, Caymmi ainda não era o compositor único, singularíssimo, por cuja travessa bonomia os cariocas se encantariam a partir de 1938, quando ele aqui chegou em plena quaresma de um carnaval inesquecível e com o Estado Novo a todo vapor.

Seu primeiro pouso foi, como era costume entre os que vinham de fora e tinham o dinheiro contado, uma pensão. Não no Catete, como outros forasteiros (Rubem Braga, Graciliano Ramos etc) preferiam, mas no centro da cidade.

Naquele tempo, o melhor do Rio não estava na zona sul.

Trabalhar, morar e farrear eram verbos conjugados na zona central. Era ali, com a Lapa de epicentro,



Dorival Caymmi e o cineasta Orson Welles em 42, no Rio

que ficavam as redações dos jornais, as emissoras de rádio, as gravadoras, as pensões, os apartamentos acessíveis, os bares, os cabarés e os puteiros.

Caymmi reinou em todos esses nichos. Como nem as fronteiras de classe social impuseram limite à sua espantosa capacidade para fazer amigos e cativar pessoas, sua passagem pelo Rio emoldura uma das mais abrangentes memórias da cidade.

Através dela pode-se reconstituir boa parte da história não só da música popular, mas também do jornalismo, do rádio, do cinema, do teatro, das artes plásticas, da vida noturna e até mesmo do Partido Comunista, ao qual ele aderiu em 1940, por amizade a Jorge Amado.

Ficou íntimo, literalmente, de todo mundo. De emigrados nordestinos, como Antônio Maria, Augusto Rodrigues e Fernando Lobo, ilustres inquilinos do edifício Souza, na rua do Passeio, a poucos metros do cinema Palácio, em cima do qual havia uma sinuca frequentada por todos eles, mais, entre outros, Villa-Lobos e Gui-

lherme Figueiredo. Pouco adiante ficava a Cinelândia, cercada de bares, onde os bambas do jornalismo e do show business se cruzavam e congregavam.

Não espanta, pois, que um dia tenha composto uma valsa ("Beijos na Noite", jamais gravada) de parceria com Carlos Lacerda, trocando idéias pictóricas com Portinari e Pancetti, lido em primeira mão vários versos de Manuel Bandeira e ouvido confidências de Getúlio, filho de Getúlio Vargas, sem contar os inúmeros grã-finos que seu charme irresistível atraíu depois que a guerra na Europa acabou e a boemia noctívaga transferiu-se para a zona sul, seguindo a rota dos cassinos e da expansão imobiliária.

De uma hora para outra, Caymmi não foi mais visto no Amarelinho, nem na Taberna da Glória, mas no Alcazar, Bolero, Zepelin e Alpino, no lado mais chique da cidade, abafando no Golden Room do Copacabana Palace e já trocando o modesto bairro do Grajaú, na zona norte, pelo Leblon.

Ali, reencontrou-se com o mar e passou a bater o ponto no aparta-

mento de Silvia e Leônidas Autuori, uma das mais animadas e versáteis colméias de artistas e intelectuais que o Rio já conheceu.

De uma hora para outra, também, os cassinos foram fechados, a situação apertou, Caymmi, já com três filhos para sustentar, se desesperou e pensou em voltar às origens. Numa tarde de 1947, no auge da penúria e do banzo, sentou numa mesa do bar Bibi e compôs "Saudades da Bahia". Socorrido pelos seus orixás, não precisou voltar. A sorte e o dinheiro acabaram aparecendo em sua vida na figura do ricoço Carlinhos Guinle.

Algumas línguas de trapo o criticaram por ter feito parceria com o jovem Guinle. "Caymmi entra com a música e o Carlinhos, com o uísque", zombavam. Segundo Caymmi, não foi bem assim.

De qualquer modo, na fase Guinle a carreira do baiano deu uma guinada e sua conta bancária passou a ter folga. Com um empréstimo do amigo, Caymmi comprou o seu primeiro apartamento, não por acaso no bairro que os dois haviam mitificado no samba-canção "Sábado em Copacabana".

Fita famosa, bonita e falada em inglês ele nunca fez. Filmou só em português, encarnando um tipo que suas canções tanto exaltaram: um pescador. Não da Bahia, mas de um vilarejo fluminense subitamente ameaçado por uma peste, afinal debelada por um médico adventício, que além de salvar vidas sabia conquistar as mulheres.

Nessa, o pescador dançou, perdendo a noiva (interpretada por Dulce Bressane, então casada com o pianista Benê Nunes) para o galante doutor, encarnado por Paulo Graciano.

Em "Estrela da Manhã", dirigido por Jonald em 1950, Caymmi fazia o perdedor. Na vida real, ele quase sempre vencia. Garotas bonitas caíam a seus pés sem que ele precisasse soltar uma nota, musical ou monetária. A algumas delas —com nome (Dora, Doralice) ou sem nome— dedicou o que melhor sabe fazer. Stella, sua mulher há 54 anos, se mordeu de ciúmes. Mas foi com indistigável orgulho que ela, na década de 50, cunhou para o marido o apelido de "tesão de boate".

## Compositor firmou o modalismo na MPB

LUÍS ANTÔNIO GIRON

Da Reportagem Local

A obra de Dorival Caymmi responde sozinho por um dos momentos capitais da música popular: a passagem do saudosismo tonal para a contemporaneidade modal.

Para defini-la é útil evocar uma sigla, criada por volta de 1964. Caymmi inaugura a MPBM (Música Popular Brasileira Moderna). O termo veio a ser reduzido e já em 1965 esse tipo de música era conhecido por MPB. Caymmi consolidou as formas sonoras que firmaram o que hoje se define por MPB.

Em termos mais concretos, ele forneceu o modelo harmônico para a bossa-nova de Antonio Carlos Jobim e João Gilberto. Desta dupla partiram Edu Lobo, Baden Powell, Chico Buarque, Caetano Veloso, Carlos Lyra e Gilberto Gil.

As cerca de 80 músicas que compôs ao longo de 60 anos de atividade alicerça uma tradição. É um número pequeno, perto dos quase 600 opus de Jobim e os perto de 350 de Noel Rosa. O ócio e o rigor conspiraram contra a produtividade do compositor. Caymmi escreveu em poucos artigos a constituição musical brasileira.

A temática muitas vezes (mas nem sempre) praieira do compositor desvia a atenção. Ele disfarça frequentemente a forma complexa no poeta arcaico de pescadores, coqueiros, mar e lagoa. A paisagem lírica oculta o acorde dissonante.

Como é hábito em arte, o pai da regra foi no início uma transgressão. No caso de Caymmi, um pequeno e inconsciente desvio.

Isso provoca alguns problemas de interpretação. Os estudiosos que se debruçam sobre Caymmi tendem a complicar o objeto em nome do entusiasmo explicativo, do demônio da analogia. Descrevem os acordes de sétima, sexta,



Auto-retrato (óleo sobre tela, 45 x 37 cm), de Caymmi

quinta aumentada, as inversões de acorde da música de Caymmi como se formassem um arcano segredo. Querem, com isso, derrubar o mito da espontaneidade no compositor.

Por esse raciocínio, "O Mar" (1939) indicaria um intertexto debussiano. As modulações (alterações na lógica linear da série harmônica) da canção seriam fruto de uma leitura do estilo impressionista francês do início do século. Afinal, o próprio Caymmi já disse gostar de ouvir Debussy e Ravel.

Outro argumento a favor do caráter culto de Caymmi está nos próprios músicos, no fato de

Caymmi ter inspirado as orquestrações de Jobim e os primeiros discos de bossa-nova.

Não custa lembrar que o marco inicial do gênero, o LP "Chega de Saudade", de João Gilberto, lançado em 1959, já trazia um samba de Caymmi: "Rosa Morena". No seu terceiro disco, de 1961, o cantor interpretava "Samba da Minha Terra" e "Saudade da Bahia", dois sambas de Caymmi. João via em Caymmi a concretização dos poucos acordes e síncoas da sua arte sintética.

Jobim lhe admira as modulações de meio-tom. Baden Powell foi buscar nele a base dos sambas-

fros. Edu Lobo se ouve nas músicas do baiano.

O segredo da linguagem musical de Caymmi está na simplicidade e na funcionalidade. Descobriu o ovo de Colombo do canto acompanhado.

Foi autodidata. Começou a tocar violão alterando os acordes perfeitos (dos quais se compõe o sistema tonal), introduzindo dissonâncias, arpejando as cordas com descontinuidade. Possuía na juventude a intuição do artesão, aquele que redescobre e encena nos detos a história do som.

Afastou-se desde o início com a quadratura do samba e da canção porque adotou o único método que tinha à disposição: o modalismo (sistema baseado em escalas diversas) típico da música afro-baiana. Soube dar leveza às cantigas do candomblé e absorveu o espírito da música da cidade.

Talvez por se esquivar ao quadrado tenha sido adotado pelos grupos vocais dos anos 40, como os Anjos do Inferno, que tentavam a fusão do samba brasileiro com o swing norte-americano. O contorno afro aproximou de viés o estilo de Caymmi ao do jazz. Daí ele soar tão cosmopolita desde a estréia.

Seus sambas-canções —como "Marina" (1947) e "Não Tem Solução" (1949)— podem hoje ser ouvidos como bossa-nova. Nos anos 40, no entanto, se afinavam com o soma urbano e internacional. Essas músicas circulavam na época como qualquer outro produto de consumo, ao lado do baiano e do bolero.

O compositor definiu o "lay out" que os músicos postulariam como natureza nos 50 anos seguintes. A harmonia ambígua, a melodia delicada com aparência de improvisado, os ritmos elásticos, todos esses elementos se integraram à prática musical. Ele consolidou a linha evolutiva e a linha de produção da MPB. Sem Caymmi, ela teria seguido outro curso. Sabe-se lá qual.